

# H.G. WELLS

## FICÇÃO CURTA COMPLETA

VOLUME II

Tradução do inglês (Inglaterra)

**Sofia Castro Rodrigues**

com colaboração de

**Margarida Avillez Ataíde**



## Índice

|   |     |
|---|-----|
| <i>O Império das Formigas</i> . . . . .           | 9   |
| <i>Uma Visão do Juízo Final.</i> . . . . .        | 27  |
| <i>Os Couraçados Terrestres.</i> . . . . .        | 33  |
| <i>O Fato Bonito.</i> . . . . .                   | 57  |
| <i>A Porta na Parede</i> . . . . .                | 63  |
| <i>A Pérola do Amor</i> . . . . .                 | 81  |
| <i>A Terra dos Cegos</i> . . . . .                | 85  |
| <br>  |     |
| <i>A Reconciliação</i> . . . . .                  | 109 |
| <i>O Meu Primeiro Aeroplano</i> . . . . .         | 117 |
| <i>A Mãezinha sobe o Mörderberg</i> . . . . .     | 129 |
| <i>A História da Última Trombeta</i> . . . . .    | 141 |
| <i>O Povo Horrível</i> . . . . .                  | 157 |
| <br>  |     |
| Histórias do Espaço e do Tempo. . . . .           | 171 |
| <i>O Ovo de Cristal.</i> . . . . .                | 173 |
| <i>A Estrela</i> . . . . .                        | 191 |
| <i>Uma História da Idade da Pedra.</i> . . . . .  | 203 |
| <i>Uma História dos Dias Vindouros.</i> . . . . . | 257 |
| <i>O Homem que Fazia Milagres.</i> . . . . .      | 343 |
| <br>  |     |
| Doze Histórias e Um Sonho . . . . .               | 363 |
| <i>Filmer</i> . . . . .                           | 365 |
| <i>A Loja de Magia</i> . . . . .                  | 383 |

H. G. WELLS

|   |     |
|---|-----|
| <i>O Vale das Aranhas</i> . . . . .                   | 395 |
| <i>A Verdade sobre Pyecraft</i> . . . . .             | 407 |
| <i>O Sr. Skelmersdale no País das Fadas</i> . . . . . | 419 |
| <i>A História do Fantasma Inexperiente</i> . . . . .  | 433 |
| <i>Jimmy Goggles, o Deus</i> . . . . .                | 447 |
| <i>O Novo Acelerador</i> . . . . .                    | 461 |
| <i>As Férias do Sr. Ledbetter</i> . . . . .           | 477 |
| <i>O Corpo Roubado</i> . . . . .                      | 497 |
| <i>O Tesouro do Sr. Brisher</i> . . . . .             | 515 |
| <i>O Coração da Menina Winchelsea</i> . . . . .       | 527 |
| <i>Um Sonho com o Armagedão</i> . . . . .             | 547 |

## O Império das Formigas

### 1

Quando o capitão Gerilleau recebeu instruções para levar a *Benjamin Constant*, a sua nova canhoneira, para Badama, no braço Batemo do Guaramadema, e aí auxiliar os habitantes contra uma praga de formigas, suspeitou de que se tratasse de uma brincadeira das autoridades. A sua promoção fora romântica e irregular, tendo os afectos de uma influente dama brasileira e os olhos líquidos do capitão desempenhado um papel no respectivo processo, e o *Diário* e *O Futuro* haviam sido lamentavelmente desrespeitosos nos seus comentários. O capitão sentia que iria proporcionar mais uma oportunidade para o desrespeito.

O capitão era crioulo, as suas noções de etiqueta e disciplina eram puramente portuguesas e só abria o seu coração a Holroyd, o engenheiro do Lancashire, que viera com o barco e apenas para exercitar o seu uso da língua inglesa – o som dos seus «th» era muito irregular.

— É certamente — dizia ele — para me fazer parecer absurdo! O que pode um homem fazer contra formigas? Assim como vêm, também vão.

— Dizem — respondeu Holroyd — que estas não vão. O tipo de quem você falou era um Sambo —

— Zambo — é uma espécie de mistura de sangue.

— Sambo. Ele disse que as pessoas estão a fugir!

O capitão fumou com inquietação durante algum tempo. — Estas coisas têm de acontecer — disse ele, por fim. — O quê? Pragas de formigas e coisas que tais são vontade de Deus. Houve uma praga em Trinidad

— daquelas formigas que transportam folhas. Todas as laranjeiras, todas as mangueiras! Que importância tem isso? Por vezes entram exércitos de formigas nas vossas casas ... que estão a combater formigas; de outra espécie. Vocês saem e elas limpam a casa. Depois vocês regressam; e a casa está limpa, como nova! Sem baratas, sem moscas, sem pulgas no chão.

— O tal Sambo — disse Holroyd — diz que estas são uma espécie diferente de formigas.

O capitão encolheu os ombros, expeliu uma baforada e concentrou a sua atenção num cigarro.

Depois, retomou o assunto. — Meu caro Olroyd, o que posso eu fazer a respeito dessas formigas infernais?

O capitão reflectiu. — É ridículo — disse ele. Mas nessa tarde vestiu a sua farda completa e foi a terra, e regressaram ao barco frascos e caixas e, subseqüentemente, ele e Holroyd sentaram-se no convés ao fresco da brisa nocturna, fumaram profundamente e maravilharam-se com o Brasil. Haviã passado seis dias a subir o Amazonas, a algumas centenas de milhas do oceano, e a leste e oeste havia um horizonte que parecia o mar e para sul nada além de uma ilha num banco de areia com alguns tufos de arbustos. A água corria sem parar como uma comporta, espessa de lodo, animada por crocodilos e pássaros a pairar e alimentada por uma qualquer fonte inesgotável de troncos de árvore; e os seus resíduos, os seus impetuosos resíduos, enchiam-lhe a alma. A vila de Alemquer, com a sua igreja esquelética, as suas casas de palha, as suas ruínas descoradas de dias mais abastados, parecia uma coisinha perdida na selva da Natureza, um tostão caído no Sara. Ele era um homem jovem e este era o seu primeiro contacto com os trópicos; viera directamente de Inglaterra, onde a natureza é delimitada, escavada e escoada até à perfeição da submissão e descobrira de repente a insignificância do Homem. Durante seis dias, haviam subido o rio por canais pouco frequentados e os humanos haviam sido tão raros como uma borboleta rara. Um deles viu certo dia uma canoa, outro dia uma estação distante e nos dias seguintes ninguém. Começou a perceber que o homem é, de facto, um animal raro cuja posse desta terra é apenas precária.

Percebeu-o mais claramente à medida que os dias passavam e abria o seu caminho sinuoso para Batemo, na companhia daquele notável comandante que dominava um grande canhão e estava proibido de desperdiçar munições. Holroyd estava a aprender espanhol com afinco, mas ainda

se encontrava nas fases do discurso oral presente e substantivo, e a única outra pessoa que sabia umas palavras em inglês era um fogueiro preto, que as dizia todas mal. O segundo na cadeia de comando era um português, da Cunha, que falava francês mas de uma espécie diferente do francês que Holroyd aprendera em Southport, e as suas conversas estavam confinadas à educação e a frases simples sobre o tempo. E o tempo, como todas as outras coisas nessa parte do mundo, não tinha um aspecto humano, sendo quente à noite e quente durante o dia, e o vapor de água, mesmo quando havia vento, fervia cheirando a vegetação em decomposição: e os crocodilos e os pássaros estranhos, as moscas de muitas espécies e tamanhos, os escaravelhos, as formigas, as cobras e os macacos pareciam perguntar-se o que estaria o homem ali a fazer numa atmosfera que não tinha qualquer alegria no seu sol nem frescura durante a noite. Usar roupa era intolerável, mas pô-la de lado era queimar durante o dia e expôr uma superfície maior aos mosquitos durante a noite; ir para o convés de dia era cegar com a luz e ficar no porão significava sufocar. E durante o dia chegavam certas moscas, extremamente inteligentes e ávidas pelos nossos pulsos e tornozelos. O capitão Gerilleau, que era a única coisa que distraía Holroyd daqueles incômodos físicos, desenvolvera um tédio formidável, contando a história simples das maleitas do seu coração durante o dia, uma fiada de mulheres anónimas, como se contasse contas. Por vezes sugeria desporto, e disparavam sobre crocodilos e, em raros intervalos, encontravam aglomerados humanos entre as densas florestas, ficando um ou dois dias a beber e a sentar-se por ali; e certa noite dançaram com raparigas crioulas, que acharam os pobres rudimentos de espanhol de Holroyd, sem passado nem futuro, amplamente suficientes para os seus propósitos. Mas estas eram meras fendas luminosas na longa e cinzenta passagem do rio corrente, ao cimo do qual pulsavam motores. Uma certa divindade pagã e liberal, na forma de garrafa bojuda, mantinha uma corte sedutora à sua volta e muito provavelmente atrás de si.

Mas Gerilleau ouvira coisas sobre as formigas, cada vez mais coisas, neste e naquele local de paragem, e começou a ficar interessado na sua missão.

— São uma nova espécie de formiga — disse ele. — Temos de ser... como é que se diz?... Entomologia? Grandes. Cinco centímetros! Algumas maiores até! É incrível. Somos como macacos... enviados para apanhar insectos... Mas elas estão a devorar a região.

Explodiu de indignação. — Imagine... de repente, há complicações com a Europa. E aqui estou eu... em breve estaremos acima do rio Negro... e a minha arma é inútil!

Acariciou o joelho e murmurou.

— Aquelas pessoas que estavam naquele sítio do baile já desceram. Perderam tudo aquilo que tinham. As formigas entraram-lhes em casa certa tarde. Toda a gente saiu de casa a correr. Você sabe que quando as formigas chegam, uma pessoa tem de... toda a gente sai de casa a correr e elas invadem a casa. Se lá tivessem ficado, elas tinham-nos comido. Está a ver? Bom, pouco depois, voltaram; e disseram «As formigas foram-se embora...» As formigas *não* se foram embora. Tentaram entrar... e assim que ele entrou... As formigas dão luta.

— Enxame em cima dele?

— Morderam-lhe. Pouco depois, ele voltou a sair... a berrar e a correr. Ultrapassou-as e correu para o rio. Percebe? Entrou dentro de água e afogou as formigas... sim. — Gerilleau fez uma pausa, aproximou os seus olhos líquidos do rosto de Holroyd e bateu levemente no joelho de Holroyd com os nós dos dedos. — Ele morreu nessa noite, como se tivesse sido mordido por uma cobra.

— Envenenado... pelas formigas?

— Quem sabe? — Gerilleau encolheu os ombros. — Talvez o tenham mordido muito... Quando me alistei aqui, alistei-me para combater homens. Estas coisas, estas formigas, vão e vêm. Não é coisa para homens.

Depois disto, falava frequentemente de formigas com Holroyd, e sempre que calhava encontrarem algum vestígio de humanidade naquela imensidão de água, luz e árvores distantes, os conhecimentos da língua, cada vez melhores, de Holroyd permitiam-lhe reconhecer a preponderância da palavra *Sauba*, cada vez mais dominante.

Percebeu que as formigas se estavam a tornar interessantes e quanto mais se aproximava delas mais interessantes estas se tornavam. Gerilleau abandonou os seus velhos temas quase de repente e o capitão português transformou-se numa figura conversadora; sabia alguma coisa sobre a formiga que corta folhas e os seus conhecimentos iam-se expandindo. Por vezes Gerilleau partilhava com Holroyd aquilo que tinha para contar. Falava-lhe das pequenas operárias que avançam em enxame e combatem, e das grandes combatentes que comandam e ordenam e de como estas últimas trepam sempre pelo pescoço e as suas mordidelas fazem sangue.

Falava-lhe de como cortam folhas e fazem camas de cogumelos; e de como, em Caracas, os seus ninhos se estendem por vezes ao longo de cem jardas. Dois dias passaram os três homens a discutir se as formigas tinham olhos. A discussão tornou-se perigosamente acalorada na segunda tarde e Holroyd salvou o dia indo a terra num bote para apanhar formigas e verificar. Discutiram também se as formigas mordiam ou picavam.

— Estas formigas — disse Gerilleau, depois de coligir informação num rancho — têm olhos muito grandes. Não andam por aí às cegas... como a maioria das formigas. Não! Enfiam-se em recantos e ficam a observar-nos.

— E picam? — perguntou Holroyd.

— Sim. Picam. E o ferrão tem veneno. — Gerilleau meditou. — Não vejo o que podem os homens fazer contra as formigas. Elas vêm e vão.

— Mas estas não vão.

— Hão-de ir — disse Gerilleau.

Depois de Tamandu, há uma longa costa baixa de 80 milhas sem qualquer população; em seguida, chegamos à confluência do rio principal com o braço de Batemo, semelhante a um grande lago, depois a floresta aproxima-se, por fim intimamente próxima. O aspecto dos canais altera-se, abundam os obstáculos e nessa noite a *Benjamin Constant* lançou amarras à sombra das árvores sombrias. Pela primeira vez em muitos dias, sentiu-se uma brisa fresca e Holroyd e Gerilleau ficaram sentados até tarde, a fumar charuto e a desfrutar daquela sensação deliciosa. O cérebro de Gerilleau estava cheio de formigas e daquilo que elas poderiam fazer. Por fim, decidiu ir dormir e estendeu-se num colchão no convés, um homem irremediavelmente perplexo; as suas últimas palavras, quando por fim parecia ter adormecido, foram para perguntar, com uma nota de desespero: — O que podemos nós fazer a respeito das formigas...? Tudo isto é absurdo.

Holroyd ficou sozinho a coçar os seus pulsos picados e a meditar.

Sentou-se na amurada e ficou a ouvir as alterações na respiração de Gerilleau até este se encontrar adormecido e depois foi invadido pelo ondular e marulhar do braço do rio, que lhe devolveu aquela sensação de imensidão que começara a dominá-lo desde que deixara Para e subira o rio. O monitor tinha apenas uma luzinha encarnada, ouvia-se uma breve conversa mais além e depois apenas silêncio. Os seus olhos deslocaram-se dos contornos difusos e sombrios do centro do barco e pousaram na



margem do rio, nos esmagadores mistérios da floresta, agora iluminada, aqui e ali, por um pirilampo, e nunca silenciosa por causa do murmúrio de actividades estranhas e misteriosas...

Era a imensidão desumana daquela paisagem que o assombrava e oprimia. Ele sabia que os céus estavam vazios de homens, que as estrelas eram manchinhas numa incrível vastidão de espaço; sabia que o oceano era imenso e indomável, mas em Inglaterra chegara a pensar que a terra pertencia ao homem. E em Inglaterra pertence, de facto, ao homem, tudo o que é selvagem vive ali em sofrimento, cresce por empréstimo, as estradas, as vedações e uma segurança absoluta dominam toda a terra. E nos atlas, também, a terra pertence ao homem e surge colorida para mostrar a reivindicação do ser humano sobre ela... num nítido contraste com a universal independência azulada do mar. Partira do princípio de que chegaria o dia em que por toda a Terra prevaleceriam o cultivo e a cultura, ferrovias ligeiras, boas estradas e uma segurança ordenada. Agora, porém, tinha dúvidas.

Esta floresta era interminável, parecia invencível e o Homem, quando muito, não passava de um intruso raro e precário. Viajava-se milhas e milhas por entre a silenciosa luta de árvores gigantes, trepadeiras estrangulantes, flores assertivas, por toda a parte o crocodilo, a tartaruga e intermináveis variedades de pássaros e insectos pareciam em casa e viviam, insubstituíveis... mas o homem, o homem possuía apenas um pé sobre clareiras ressentidas, combatendo ervas daninhas, animais e insectos até conseguir pousar a mais leve pegada, presa de cobras e animais e febres, e estava nesse momento a ser levado. Em muitos locais ao longo do rio, fora manifestamente afastado, naquele ancoradouro abandonado ou no nome preservado de uma casa e aqui e ali paredes arruinadas e torres brancas reforçavam a lição. Aqui, o puma e o jaguar eram muito mais senhores...

Quem eram os verdadeiros senhores?

Dentro de algumas milhas, haverá mais formigas nesta floresta do que homens em toda a Terra! Esta parecia a Holroyd uma ideia perfeitamente nova. Em alguns milhares de anos, o homem emergira da barbárie para um estado de civilização que o fazia sentir-se dono do futuro e senhor da Terra! Mas o que impediria as formigas de também elas evoluírem? As formigas que conhecemos vivem em pequenas comunidades de alguns milhares de membros, não fazendo esforços concertados contra o mundo